

RETOMADA DA PULSÃO D'EMPRISE

Antonio Trevisan¹

RESUMO:

A proposta central é a retomada da teoria das Pulsões desenvolvida por Sigmund Freud e amplamente discutida por Piera Aulagnier. O trabalho abordou o termo *bemächtigungstrieb* utilizado pelo próprio Freud em 1905, 1915 e 1920, traduzido em português como pulsão de dominação, e para o Francês como *pulsion d'emprise*. O objetivo consiste numa releitura da função descrita como *l'emprise*, observando o estatuto participativo da pulsão em sua origem na formação do psiquismo. Para tal sustentação indicamos elementos na ideia do aparelho de dominação (muscular), e na proposta conceitual de metabolização realizada por Aulagnier, onde encontramos meios para provocações e as problemáticas conceituais. Deste modo sublinhamos a pulsão *d'emprise*, e seus fundamentos, incluindo o carácter independente e não sexual *a priori*, entre eles, a evidência do impulso e a incorporação representado na constituição do corpo pulsional e suas expressões na vida psíquica.

PALAVRAS-CHAVES: Metapsicologia, L'emprise, Pulsão de Dominação

¹ Formação Acadêmica: Psicólogo, mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Doutorando no programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Endereço: Rua da Graciosa, 61 – Campo Grande (MS) – CEP 79041-022. E-mail: netogarcia8@gmail.com ORCID: orcid.org/0000-0001-8251-0183

INTRODUÇÃO

Iniciamos a introdução do termo *Bemächtigungstrieb* sob a referência inicial feita por Sigmund Freud ao abordar um traço característico da psique em sua forma de apreender força sobre determinado objeto visando seu controle. O termo é pouco discutido entre os teóricos da Psicanálise e quando referenciado fica ligado necessariamente a teorização da pulsão de morte. Entretanto, a proposta visa marcar a anterioridade das formulações da pulsão de morte. Este retorno é uma tentativa de precisar o termo, não apenas quanto a definição conceitual, mas o apontamento de uma função particular sustentada metodologicamente por uma investigação minuciosa

A discussão problemática em torno da palavra é complexa e envolve derivações como *bemächtigungapparat*, *Bemächtigungsdrang*, *Bewältigung*, *Beherrschung*, *Liebesbemächtigung*. Freud teria se referido diretamente em 1905 abordando a atividade muscular e os acontecimentos da experiência infantil com o prazer, mas não apenas neste momento. O autor inclusive mencionou a atividade muscular como aparelho de dominação e meio representativo do impulso. Este termo reaparece em diversos momentos de sua obra, com pouca precisão e na maioria das vezes no sentido de domínio. Alguns teóricos como Grunberger (1959), Gantheret (1981), Anzieu (1988) empreenderam esforços na tradução da expressão e nas tentativas de conceituá-la, alargando a noção de dominação, aprofundando sobre o impulso para exercer outras formas de atividade. Dentre eles encontramos também a referência de Laplanche e Pontalis (1989), sustentando a tradução como pulsão de dominação.

Neste arrolamento de tradução e discussões o consenso entre as escolas francesas é a utilização da expressão da *pulsion d'emprise*, a qual se aproxima da noção que Freud teria proposto inicialmente, enfatizando o apoderamento, muito próximo de domínio, mas não sinônimo, ou seja, primordialmente uma posse.

OS PRIMEIROS PASSOS

Fizemos um levantamento refinado na obra de Sigmund Freud a respeito do emprego de quatro palavras específicas, sendo elas dominação, incorporação, apoderamento e muscular, no total encontramos a palavra incorporação e seus derivados como predominante em mais de 40 vezes, esse quantitativo tem função elementar e que não pode passar despercebida. Esta pesquisa foi realizada na Edição

Standard da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud realizada pela editora Imago.

Desde os estágios de Freud em Salpêtrière identificamos pontos fundamentais em seus relatórios que foram importantes para o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Com tema fundante da Psicanálise, sendo entre eles o “Estudos Sobre a Histeria” de 1895, encontramos as primeiras aparições da incorporação, mesmo que de modo precário e sob a expressão de conversões. Situamos nesse período uma posição de Freud quanto às hipóteses da atuação dos afetos, seu conteúdo, e suas formas de manifestação. Para isso, ele encontra na experiência da patologia expressa no corpo, os famosos arcos e paralisias histéricas que suas pacientes passaram a fornecer como fontes seguras de observação para descrever sua atividade muscular. Encontramos o seguinte:

As ações motoras em que a excitação dos afetos costuma ser descarregada são ordenadas e coordenadas, muito embora com freqüência sejam inúteis. Mas uma excitação excessivamente forte pode contornar ou irromper através dos centros coordenadores e se escoar em movimentos primitivos. Nos bebês, além do ato respiratório de gritar, os afetos só produzem e encontram expressão em contrações musculares descoordenadas desse tipo primitivo - em arquear o corpo e espernear. À medida que o desenvolvimento se processa, a musculatura passa cada vez mais para o controle da coordenação e da vontade. (FREUD, 1895/1996, p.120).

Nesta investigação Freud encontrou a relação entre a atividade psíquica ainda camuflada ao sistema neural e sua ligação a trabalho do músculo. No mesmo período pela primeira vez Freud mencionou a função do músculo como um aparelho. Sem espanto encontramos a expressão conceitual que ainda será refinada, principalmente na teorização feita pelo neurologista nos desdobramentos do caso de Anna. O. Sobre os sintomas da histeria, o autor afirma que “encontram-se lado a lado com representações que normalmente residem nas trevas do inconsciente, mas que agora adquiriram controle sobre o aparelho muscular e sobre a fala e, na realidade, até mesmo sobre grande parte da própria atividade representativa: a divisão da mente é manifesta.” (FREUD, 1895/1996, p. 125)

Freud estabeleceu, principalmente em 1896, com suas observações sobre “As Neuropsicoses de Defesa” o papel da atividade psíquica expressa na atividade muscular, mas agora num tipo de aparelhamento que serve os impulsos, atuando principalmente nas defesas dos conteúdos, ligados às suas impossibilidades de representação, ou seja, uma via para introduzir a noção do trauma. Ainda sob a guarda

dos textos pré psicanalíticos havia esboçado uma noção do aparelho muscular com qualidades e serviços que seriam os pilares a dinâmica do inconsciente.

A lógica da defesa, de um tipo de impulso em relação ao objeto, reapareceu quando Freud (1920) novamente utiliza a expressão *bemächtigungstrieb*, ao descrever a atividade de seu neto que ficou amplamente conhecida como *For-da*. Na ausência do objeto/mãe, ele lança seu brinquedo e o traz de volta, controlando a presença do objeto, ocasionando como efeito algum tipo de apaziguamento. Portanto a retomada deste conceito será discutida sobre este prisma, o impulso enquanto produção inicial da relação com o objeto.

O PASSO-A-PASSO

Em continuidade ao percurso histórico e cronológico da ascensão conceitual, temos um marco irrefutável, a obra de Interpretação do Sonhos publicada tardiamente em 1900; nela encontramos de modo especial as colocações sobre a atividade intelectual, como a expressão de incorporação. O autor recorre a um longo inquérito da vida onírica para articular pontos importantes, e ressalta a atividade psíquica como um tipo de registro das experiências vividas, surge assim a lógica da alucinação e a atividade inconsciente.

Destacamos assim dois tempos da noção conceitual; um primeiro, em que a palavra não aparece diretamente nestes termos, mas nas referências dos textos pré psicanalíticos. O conceito manifesta por meio do trabalho do aparelho muscular, isto é, uma atividade de recusa ou de acatar os estímulos destinados a fins especiais, coisa que o funcionamento histórico indicou. E num segundo momento, aquele dos sonhos, onde aparece a face da incorporação diretamente efetivada pela atividade do pensamento, descrito por Freud como um trabalho das formações do delírio. Nesta introdução histórica objetivamos situar a anterioridade do conceito, bem como sua importância, e os indicadores para uma possível evolução. Assim a dominação se torna uma faceta do trabalho pulsional, seja operada inicialmente por via do aparelho muscular, de acordo com as condições primitivas da psique, até sua mais alta performance intelectual, podendo operar a incorporação por dispositivos de sublimação.

AS COMPLICAÇÕES CONCEITUAIS EM TORNO DE *BEMÄCHTIGUNGSTRIEB*

Freud (1905/1996) utilizou inicialmente o termo com a intenção de exercer domínio, e deste ponto encontra como representação o caráter da crueldade e da agressividade, ou seja, teríamos aqui a atribuição dessas características a dita pulsão de dominação. Cabe mencionar, que tal crueldade se refere não somente quanto ao objetivo do sofrimento alheio, mas, simplesmente por não o levar em conta, em prol de seu alvo de satisfação. Já na destruição existe o emprego da força dirigida ao objeto com a finalidade de estabelecer poder sobre ele (LAPLANCHE E PONTALIS, 1989).

Devemos estabelecer clareza na utilização dos termos dispostos nas traduções brasileiras de Freud a fim de precisar o levantamento, principalmente por colocar como objeto a discussão da nomeação que se dá ao conceito a que nos referimos. Utilizamos a edição da Imago Standard que traduz o *Bemächtigungstrieb* como “instinto de dominação”. Sobretudo, a expressão pode ser encontrada na edição da Companhia das Letras feitas por Paulo Cesar de Souza, que a intitula como “impulso de apoderamento”, indicando a proximidade com a tradução feita pela Editora Argentina Amorrortu que tomou como forma tradutória o termo “*pulsión de apoderamiento*”.

Na investigação freudiana empreendida sobre os modos em que o prazer se inscreve, principalmente no texto sobre “Os três ensaios da sexualidade” de 1905, o autor nos dá condições para articulá-lo inteligivelmente por suas apresentações, dentre elas o desprazer. Localizamos nesta obra um percurso para compreender o prazer em seu processo de constituir-se como princípio e aos acontecimentos que permitem alguma hipótese. Nos diz Freud, em sua segunda seção da teoria da sexualidade, uma breve descrição da pulsão de dominação:

A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a instinto de dominação deter-se ante a dor do outro - a capacidade de compadecer-se - tem um desenvolvimento relativamente tardio. É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. (FREUD, 1905/1996, p. 180)

Neste momento Freud insiste na pulsão de dominação como uma raiz da crueldade em relação ao mundo e afirmou que a pulsão de dominação aparece como

um dispositivo crucial na organização genital, incluindo a formalização da identificação. Vejamos:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou, se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciariam de correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto - modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação, um papel psíquico tão importante. Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo. (FREUD, 1905/1996, p. 183)

Com esta indicação esclarece a participação da modalidade pulsional nas entrelinhas da constituição do sujeito. Ela participa também num segundo momento, Freud afirmou que na segunda fase pré genital, conhecida como a fase sádico-anal, “A atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo, e como órgão do alvo sexual passivo o que se faz valer é, antes de mais nada, a mucosa erógena do intestino; mas há para essas duas aspirações opostas objetos que não coincidem” (FREUD, 1905/1996, p. 187)

Sob a mesma perspectiva Freud reiterou com firmeza que a pulsão de dominação embora precisasse de mais pesquisas, participa diretamente da organização pré genital. Seja no primeiro momento, chamado de “incorporação”, que por alguma razão ele expressou como canibalesca, e a segunda sendo a sádico-anal, ordenando a retenção ou a expulsão do material. Entendemos assim que ele diz o quão importante são seus reflexos na vida adulta. Na tentativa de estabelecer uma organização para a libido, Freud (1932/1996) relembrou o trabalho de Abraham e seus esforços para detalhar também o desenvolvimento da libido. Sendo assim Freud apontou que:

Abraham mostrou, em 1924, que se pode distinguir dois estádios na fase sádico-anal. O primeiro desses estádios é dominado pelas tendências destrutivas de destruir e de perder, e o segundo estádio, por tendências afetuosas para com os objetos - tendências de manter e de possuir. É no meio dessa fase, portanto, que a consideração pelo objeto aparece, pela primeira vez, como precursora de uma catexia erótica ulterior. Da mesma forma estamos certos ao fazer uma subdivisão semelhante na primeira fase, a fase oral. No primeiro subestágio, o que está em questão é somente a incorporação oral, não há absolutamente ambivalência em relação ao objeto - o seio materno. O segundo estádio, caracterizado pelo surgimento da atividade de morder, pode ser descrito como estádio ‘oral-sádico’, este mostra, pela primeira vez, os fenômenos da ambivalência, que se tornam tão mais claros, posteriormente, na fase sádico-anal. (FREUD, 1932/1996, p. 96)

Por essas e outras razões encontramos terreno sólido para propor a condição de que o trabalho do aparelho de dominação e seus desdobramentos, atuantes tanto na fase oral quanto anal, demonstra a experiência que dará vetorização a própria dimensão pulsional, expressando sua dimensão sexual e seu além. Neste quesito pulsional compreendemos que ela em sua origem ainda não é binária e nem forças contraditórias, é com a experiência que surgiram tais polaridades. Este ponto é crucial para avançar na teorização, reaparecendo em 1920 com a noção de pulsão de morte. Se a pulsão de dominação é um elemento fundamental na organização psíquica, faremos notar justamente o modo em que ela participa.

Ao deparar-se com a suposta dualidade, direções antagônicas das pulsões entre as ditas sexuais e as do Eu (autoconservação), Freud (1905,1914/1996) recorreu ao caráter da crueldade para expor a íntima relação entre elas, afirmando que:

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma co-participação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga. Afirmou-se também que toda dor contém em si mesma a possibilidade de uma sensação prazerosa. (FREUD, 1905/1996. p. 98)

Apontamos tal vinculação entre as noções de destruição, agressividade e domínio de modo introdutório para evidenciar a *Mischung*, a que Freud tanto se refere, em outras palavras, um tipo de mistura ou miscigenação desses processos, envolvendo a problemática, dos quais pretendemos operar uma dissecação, a fim de buscar a precisão dessas especificidades. Sublinhamos com ênfase aqui dois pontos: Primeiro, os resíduos de desejos canibalísticos que será mencionado diversas vezes no desenvolvimento da teoria freudiana como um traço sempre arcaico e basilar na inauguração da psique atrelada a fase oral. Segundo, o próprio aparelho de dominação que atende a satisfação ontogeneticamente mais antiga, nestas palavras temos o aparecimento da questão que merece ainda um longo percurso de investigação.

Marcamos assim dois momentos da caracterização da pulsão traduzida como dominação para o termo de Freud; uma feita em 1905 e em textos da Metapsicologia de 1915, e a segunda feita em 1920, com uma complexidade maior e atrelada as

formulações em torno da especulativa teoria da pulsão de morte. Sustentamos assim o princípio do trabalho da pulsão de dominação, como uma expressão da *pulsão d'emprise*, ambas inicialmente atividades exercidas pela atividade muscular, ou seja, seu aparato orgânico.

Ainda no trabalho de 1905, canônico em termos de construção da teoria pulsional, Freud introduziu a questão da agressividade ao abordá-la num caráter sádico, principalmente situando sua origem na esfera orgânica operada pela dimensão muscular. Ele afirmou que “na promoção da excitação sexual através da atividade muscular caberia reconhecer uma das raízes da pulsão sádica” (1905/1996, p. 191).

Não é sem motivos que no desenvolvimento da teoria da pulsão de dominação seu estatuto fica religado a pulsão de morte, pela via do sadismo, visto que o sadismo é seu vetor sexualizante, isto é, da pulsão dita de dominação. Freud (1919/1996) nos explicou que o componente sádico se liga por meios de dominação:

Mas, como pode o instinto sádico, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida? Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente um instinto de morte que, sob a influência da libido narcisista, foi expulso do ego e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? Ele entra em ação a serviço da função sexual. Durante a fase oral da organização da libido, o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto; posteriormente, o instinto sádico se isola, e, finalmente, na fase de primazia genital, assume, para os fins da reprodução, a função de dominar o objeto sexual até o ponto necessário à efetivação do ato sexual. (FREUD, 1919/1996, p.96)

Neste sentido Freud deixou indícios do caráter sádico dominador organizado nas experiências orais, e que se solidificam na fase anal. Este é um dos caminhos mais tomados para ligar a expressão de dominação às faces da pulsão de morte, centralizado ao elemento característico da agressividade. Entendemos que tal posição é possível e por ora até sustentável, porém não se reduz a ela, e nem pode ser tomada inquisitorialmente como sua definição.

Freud amparou suas ideias nas expressões orgânicas e introduz a característica de dominação a atividade muscular, atrelando inicialmente um tipo de força, esse seria seu apoio para formular o impulso na qual se pode fazer alguma agressão, e dessa afirmação Freud cunhou a expressão aparelho de dominação para descrever a atividade pulsional. Ainda sobre o esclarecimento deste aparelho, Freud se referiu a sua mecânica em partes específicas, como o seguinte: “Devemos ainda arrolar aqui a produção de excitação sexual pela agitação mecânica e ritmada do

corpo, na qual devemos distinguir três formas de atuação estimulatória: no aparato sensorial dos nervos vestibulares, na pele e nas áreas profundas (músculos, aparelho articular). (FREUD, 1905/1996, p. 190)

No segundo momento teórico sobre a noção de *Bemächtigungstrieb* foi abordada em 1920 como uma pulsão independente, uma pulsão não sexual, que apenas secundariamente se emprestaria ao serviço da sexualidade. Retomaremos com afincos esta posição, devido aos problemas e consequências que isso tem. Neste ponto reside uma das principais contribuições, quando Freud afirmou a dimensão não sexual desta pulsão e situou como origem da atividade psíquica ainda arcaica, ou seja, ela permite a constituição do sujeito psíquico antes da libidinalização do objeto, por isso é secundariamente emprestada a função sexual.

A definição feita por Freud deixou muitas lacunas; Esta pulsão dita de dominação ficou emaranhada com a noção de agressividade. A dimensão anterior ficou inobservada. Surgiu assim a questão da agressividade, a qual foi protagonizada, por exemplo por Adler em sua formulação do complexo de inferioridade desenvolvido em 1912, gerando inclusive sua ruptura com Freud. As colocações de Adler apontam de modo caricato a ideia da pulsão de dominação, a qual a atividade da psique implicaria em força para manter a posse, ou compensar a fragilidade mediante ao mundo externo em sua forma de constituir-se. Essa é uma das fraturas que a história da psicanálise pode nos relatar sobre os efeitos em torno desse construto teórico. (HANDLBAUER, 2005)

Destarte notamos ao longo a teorização da psicanálise o lugar da agressividade sempre ligadas às expressões pulsionais, e a representações que indicam de modo geral sua posição na iminência do vetor de pulsão de morte, e processos de prazer-desprazer. Sua dimensão será retomada com especificidade numa faceta aprimorada da pulsão d'emprise.

DE BEMÄCHTIGUNGSTRIEB A PASSAGEM A L'EMPRISE

Para melhor precisar a entrada da pulsão de dominação, e o impulso de apoderamento até a expressão de pulsão *d'emprise*, se faz necessário marcar a história do conceito. Houve um percurso entre os franceses até a formulação teórica do termo da *l'emprise*. Dentre eles sublinhamos a existência de algumas produções

desde as elaborações da *Nouvelle Revue de Psychanalyse L'emprise* lançada em 1981, aos nomes exponenciais do tema como Paul Denis (1997) psicanalista francês, que empreendeu uma pesquisa minimalista chamada "*Emprise et Satisfaciton: Les deux formants de la pulsion*", onde propõe incisivamente um trabalho de retomada do termo referindo-se principalmente a Freud. Na proposta feita pelo autor podemos marcar dois tempos pós freudiano da elaboração teórica, um antes dos anos de 1950, e outro depois.

Na trilha histórica feita por Denis (2002) temos o nome de Imre Herman (1899-1984) psicanalista húngaro nascido em Budapeste, o qual dedicou-se aos estudos da relação mãe e filho desenvolvido com cuidado por Ferenczi. E outro, Ives Hendrik, com publicações fundamentais sobre estes aspectos no período de 1930 a 1950. A contribuição de Herman reside na transformação da noção de *pulsion d'agrippement* em *pulsion d'emprise*. Este psicanalista debruçou-se na compreensão do desenvolvimento da motricidade e sua noção de impulso para agarrar-se, noção amplamente utilizada na década de 1980 por Anzieu Didier.

Já na contribuição de Hendrik, médico americano com relevância na história da psicanálise em Boston (EUA), apontou um traço da pulsão com estreita relação ao saber, como um modo em que o desejo de saber manifesta-se na atividade intelectual com base no trabalho da pulsão. Hendrik enfatizou em Freud algo desse rumo ao entender que na teoria dos três Ensaio haveria indícios desta característica pulsional. A autor ainda revê a noção da pulsão de dominação, atrelando a atividade intelectual numa forma sublimada de dominação, seus estudos caminharam nesta dimensão sobre a possibilidade de aprendizagem. (ROUDINESCO 1989)

O CAMPO DA ATIVIDADE PSÍQUICA: O ORIGINÁRIO

Para retomarmos a especificidade da questão da pulsão d'emprise, é preciso uma redescoberta. Sobretudo uma redescoberta no sentido de retirar o que a encobre, uma forma de retirá-la dos rebaixamentos operados em torno de outros conceitos fundamentais. Para isso, utilizaremos a formulação da psicanalista Piera Aulagnier, que nos serve como uma alavanca metodológica para elucidar e dar o lugar de direito da *l'emprise* na teoria psicanalítica.

Utilizaremos um percurso complexo para sustentar as observações. Para tal faremos em dois eixos, um campo inicial, chamado de Primeiro tempo Psíquico, nos

referindo à formação da atividade psíquica. Já o segundo eixo consiste no fundamento da expressividade da pulsão d'emprise como um elemento e uma condição para dar vetor a pulsão, e assim um corpo.

No primeiro eixo situaremos a constituição, e, portanto, uma abordagem às raízes do Eu, referindo-se à atividade do psiquismo como manifestação da pulsão inicialmente como uma tentativa de incorporação ou apropriação o que se aproxima centralmente da noção de *pulsion d'emprise*. Desenvolvendo a contribuição seguimos os postulados da psicanalista italiana Piera Aulagnier, naturalizada francesa, e que participou do movimento, junto a Jacques Lacan, na formação de sua escola durante o período 1953-1960.

Aulagnier (1979) formulou o funcionamento do psiquismo em três níveis: o originário, primário e secundário, advindo de uma situação de encontro”, a autora destaca o seguinte: “É próprio do ser vivo sua situação de encontro contínuo com o meio físico-psíquico que o cerca” (AULAGNIER, 1979, p. 18). Com esta premissa de continuidade vemos que há um trabalho incessante que situamos na ordem pulsional, o que apresenta sua imposição como atividade. Aulagnier usa algumas expressões como, “condenado a representar” e “condenado a desejar”, para ela a proposta em jogo é entender o funcionamento da psique em seu primeiro estado.

Este primeiro estado, nomeou como Originário, no qual a psique se relaciona como o mundo a partir do corpo, este por sua vez, empresta-se como captador e registrará a representação imagética, recebendo o nome de Pictograma. Entendemos assim como equivalente psíquico do trabalho de metabolização característico da atividade orgânica, em outros termos, vemos surgir o estado da incorporação, que aparece amparada com mais frequência na expressão de introjeção.

Aulagnier (1979) assume uma posição teórica muito interessante, a qual introduz a função da alucinação como a primeira tentativa de produção mnêmica do psiquismo na relação com o mundo, ou ao que se oferecer dele, mas com uma qualidade de controle. Podemos situar que neste sentido a alucinação frui como atividade. A autora ainda afirma o seguinte sobre a lógica que se apresenta originariamente, “a realidade é auto-engendrada pela atividade sensorial. (AULAGNIER, 1979, p. 16). Para isso é necessário um trabalho corpóreo, e sua descrição é bem precisa:

ao lado do corpo biológico da ciência e as definições analíticas de corpo erógeno, uma outra imagem se impõe a nosso olhar: a de um conjunto de

funções sensoriais, elas mesmas veículos de uma informação que não pode faltar, não somente porque esta informação é uma condição para a sobrevivência somática, mas também porque ela é condição necessária para uma atividade psíquica. (AULAGNIER, 1979, p. 21)

Como atividade inicial da psique situamos a raiz e a função da alucinação, esta última como condição de uma experiência em que se produz como atividade uma resposta de recusa à realidade, e conseqüentemente o real que o comporta. Este processo tem como representante a premissa, o ódio, como uma forma de negar a existência do heterogêneo, noção que será tomada mais adiante. Esta negação do real daria consistência a substância do ódio que surgirá como mecanismo de direção ao afastamento, ou destruição.

No entanto, quando a autora se refere ao engendramento, entendemos que ela faz referência a uma metabolização da psique em que não existe dualismos, dito de outro modo, existe a incorporação da realidade e um prolongamento do mesmo na função alucinógena. Interpretamos assim que a autora descreve aproximadamente a mesma proposta de Freud (1925/1996), que chamou de *Bejahung* onde o encontro do existente se dá, ou seja, do sim, e da afirmação, possibilitando o registro imagético. E, a negação fundamental do *Verneinung*, que é operada pela alucinação como recusa das diferenças que seriam ameaças, ou que exigiram maior trabalho da psique, processos situados como anteriores as definições estruturais, uma breve descrição da operação do Recalque originário.

Ainda sobre a articulação da instância do Originário Aulagnier nos explicou sua função enquanto experiência de registro. Em seus termos um tipo de aderência é feita neste corpo biológico possibilitando a atividade representativa, aí o indício de introjeção e que depois desencadeará o efeito de projeção. No escopo da autora “a relação psique-corpo tem sua origem no empréstimo que a primeira faz do modelo de atividade própria ao segundo: este modelo vai ser metabolizado num material totalmente heterogêneo, que ficara como estrutura imutável de um cenário originária que se repete indefinidamente. (AULAGNIER, 1979, p. 21)

Num aprofundamento desta análise, a psique com seu empréstimo produz um registro discrepante da forma biológica, aí reside a característica da alucinação, sua forma heterogênea é justamente esta incidência, não tem a mesmidade da materialidade. Deste modo, elucidamos que há uma experiência de incorporação do mundo por meio da produção de registros, isto é, a metabolização, meio pelo qual a

psique absorve a informação libidinal e faz sua inscrição. Assim a dimensão da incorporação irá tornando-se consistente em nossas observações

O registro operacionalizado por meio da metabolização indica a produção de objeto, ou de um prolongamento da realidade a fim prestar seu estado de prazer. Por exemplo, a alucinação como uma recriação do seio, descrito por Freud no chuchar. Então tudo se passa com o crivo onde o que se pode metabolizar/homogeneizar será bom e o que não se pode fazê-lo como ruim. Mas nisto não há novidade, Freud já teria feito esta afirmação ao observar a experiência da função oral.

Entretanto cabe destacar o seguinte; O que a psique incorpora? Ou ainda, o que deste processo primitivo e arcaico pode dar indícios na caracterização da psique? Esta provocação alerta de partida a ação dos vetores pulsionais, do Eu ao mundo, de Eros a Thanatos, sua lógica se estabelece neste regime. Para responder a nossas inquietações Aulagnier (1989, p. 12) recorre às construções de Lacan (1964/1998), e as importantes contribuições deste autor, reafirmando o seguinte: “se situa fora do conhecível parece-me próximo daquilo que Lacan definiu de conceito de real diferenciado daquele de realidade. O real, eu diria parafraseando uma outra expressão de Lacan, é o que resiste à realidade na qualidade de realidade para e do humano”. Notamos então que Aulagnier também identifica o trabalho de incorporação fundamental como uma matriz que possibilita a formação do funcionamento, nesta direção ela afirma:

Este último pode definir-se como função mediante a qual se rechaça um elemento heterogêneo à estrutura celular ou, inversamente, se o transforma em um material que se converte em homogêneo a ele. Esta definição pode aplicar-se em sua totalidade ao trabalho que opera a psique, com a reserva de que, neste caso, o elemento absorvido e metabolizado não é um corpo físico, mas um elemento de informação (AULAGNIER, 1979, p.23).

Chegamos assim ao nível que seria a constituição do Eu real primitivo, embora a atividade alucinatória seja uma atividade interna da psique, é uma resposta ao encontro material. Estes registros são contidos/produzidos no nível de pictograma, são decorrentes de um encontro em que algum objeto se oferta ao bebê, e destacamos o seio como possibilidade do elemento imagético. Nesta base material postulamos o apoio a que o material biológico serve para que um corpo possa vir habitá-lo.

É imprescindível marcar algo sobre o Eu nesta fase. Entendemos que no primeiro momento podemos falar em atividade da psique visto que ainda está em trâmite a experiência do eu e não-eu. Daí a psique em sua posição ativa reside

arcaicamente na alucinação, que é uma forma de produzir um corpo. Este trabalho dará consistência e aparição do Eu, ela virá decorrente da metabolização, do que se pode homogeneizar ou não, eis seu infindável trabalho mítico. É isto que Freud nos descreve ao dizer da mitologia do homem em sua forma de expressar os efeitos da pulsão.

A posição de Aulagnier sobre a compreensão da psique com sua tendência a estabilizar, é uma descrição eminentemente da função pulsional. Ao passo que sua fórmula nos permite avançar rumo a pulsão *d'emprise*. Neste campo do radical e primitivo, pontuamos a face da *pulsion d'emprise* muito próxima do que Aulagnier retrata como atividade psíquica de registro, a própria atividade de alucinação seria a característica da incorporação, ou nas palavras de Aulagnier, a disposição a metabolizar. Para exemplificar seu manifesto a autora afirma que:

[...] representante pictográfico e metonímico das atividades do conjunto de zonas, representante que autocria, por ingestão, a totalidade dos atributos de um objeto (o seio), que, por sua vez, será representado como fonte global e única dos prazeres sensoriais. Este objeto-zona complementar é a representação primordial mediante a qual a psique põe em cena toda a experiência do encontro entre ela e o mundo (AULAGNIER, 1979, p. 54).

Fica evidente assim que existe uma ingestão, o que dará qualidade ao objeto e representação a ela, surgindo a relação com o mundo, onde poderá existir um corpo. Aulagnier (1979) define o pictograma como esta atividade que podemos relacionar aos achados de Freud, principalmente referindo a pulsão *d'emprise*, haja vista sua força da autocriação, e que será base de constituição do psiquismo. Este tempo precede o nível do primário, o qual será assentado por meio da fantasia numa espécie de contrato na relação com o mundo e seus objetos.

Nestes moldes a função de *bemächtigungstrieb*, em sua forma nomeada de *l'emprise* seria a tendência inicial de gerar uma aderência, possibilitando o sim ou não, aceitar ou rejeitar, introjetar ou expelir, no encontro com o mundo. Aulagnier (1979) insistiu neste princípio, e situou com precisão uma demonstração disso, identificando o trabalho de incorporação fundamental como uma matriz facilitadora ao funcionamento, nesta direção afirmou:

Este último pode definir-se como função mediante a qual se rechaça um elemento heterogêneo à estrutura celular ou, inversamente, se o transforma em um material que se converte em homogêneo a ele. Esta definição pode aplicar-se em sua totalidade ao trabalho que opera a psique, com a reserva

de que, neste caso, o elemento absorvido e metabolizado não é um corpo físico, mas um elemento de informação (AULAGNIER, 1979, p.23).

Com esta afirmação, justifica-se nossa opção em recorrer ao reencontro que Aulagnier faz com a interpretação de Freud no tangente ao cenário do domínio que se estabelece no registro psíquico como uma informação virtual ainda de ordem sensitiva. Segundo Aulagnier (1979) o campo pictográfico, que no processo originário utilizava o modelo somático de incorporar ou expelir, inaugura as primeira tentativa de controle da pulsion d'emprise, sustentando o nível primário, e as condições possíveis do ato de desejo e de amor, ou como ato de rechaço e desprazer.

Entendemos que o aparelho psíquico elaborado por Aulagnier propõe explicações sobre a metabolização e o território do originário, com o registro pictográfico. Hipoteticamente é experienciada com a alucinação, sendo ela, a recusa primordial da alteridade, incidindo na criação da coisa, isto é, uma incorporação, uma atividade primeira da psique. Na segunda instância, o primeiro lugar da fantasia que operará o dentro e fora, o acolher e o rejeitar, será precursor do Eu, e em todos eles à medida que aumenta sua potência em relação ao mundo evidencia sua metabolização, em homogêneo ou heterogêneo, base do amor e ódio, das vestimentas pulsionais, entre vida e morte.

Deste modo, se faz notável a atividade que o corpo biológico do bebê realiza, já em termos de pulsão, ou seja, uma atividade que pode ligar-se aos objetos, podendo agarrar ou não, responder a estímulos externos de várias maneiras, seja ao seio, ao próprio dedo, ou qualquer variação contingencial, como cheiro e temperatura. Sobre este ponto encontramos a noção de apoio em que o corpo biológico serve como materialidade de experimentação do mundo, até que surge ali um corpo outro, um psíquico, isto é, a instauração de Eu, ou um campo de juízo, ou afastado do mundo. (AULAGNIER, 1989)

A METABOLIZAÇÃO COMO DISPOSITIVO DE L'EMPRISE

Do primeiro tempo psíquico, o qual tange ao originário e o processo de metabolização, demonstramos alguns pontos e o início da atividade psíquica. Permitindo assim avançar para o segundo. Aulagnier (1979) teorizando as bases do funcionamento psíquico e seus níveis, utiliza formas de metabolização, postulando

como constitutivos e vão, pouco a pouco, promovendo o desenvolvimento do Eu, sendo que a instauração de um novo processo não implica o silêncio do anterior.

Num momento posterior ao originário, teríamos um segundo tempo do aparelho Psíquico, em que o corpo é operacionalizado por meio psíquico para experimentar o mundo e negociar com a realidade a insurgência e variações com o objeto, preservando suas cotas e o campo de domínio.

Segundo Aulagnier, já o primário é “[...] dar uma interpretação cênica de um mundo onde todo acontecimento encontra sua causa na intenção projetada sobre o desejo do Outro” (1979, p. 99). No primário ocorrem as modulações do prazer/desprazer, podem ocorrer como interdição do desejo do Outro, e no secundário, a possibilidade de dialetização, de estar dentro/fora, de representar e ser representado (AULAGNIER, 1979, p. 96).

Deste modo, a funcionalidade do aparelho psíquico, processado em seus três níveis, nos serve como instrumento para exemplificar a atividade da pulsão *d'emprise* em suas variações. Esta modalidade pulsional tem como princípio a atividade processual de metabolização, ou seja, de criação mesmo que seja de início alucinatória, ou uma realidade virtual, ou ainda, o prolongamento da realidade material. Posteriormente tal êxito terá estabelecido as definições de *maîtrise*, palavra tomada do francês para designar mais que controle, mas um assenhoreamento, ou mestria em organizar, optou-se pelo termo por comportar com maior clareza a definição a qual nos referimos.

Destacamos assim o elemento de incorporação à medida que é necessário ainda, um tomar para si, fazer a coisa participar de si, mesmo que seja como extensão alucinada. A posição é decorrente da tradução do termo da *pulsion d'emprise*, é daí que a lógica pode ser construída, isto é, por meio da ação de domínio, exercida pela atividade muscular, existindo a possibilidade de criação, inclusive de controle. Com estas condições de firmação da existência, incorporada, se cria então outro movimento, decidir sobre aceitar ou rejeitar, acolher ou destruir. Na prerrogativa de formar um juízo sobre o que se pode internalizar ou não, Freud formulou o seguinte:

“na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais - os orais - teríamos: quero comer, ou quero cuspir; e numa versão mais geral: quero por isso dentro de mim e retirar de mim. Ou seja: Isso deve estar dentro ou fora de mim. O eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir o que é mau, como afirmei em outro lugar. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha fora, são idênticos inicialmente”. (FREUD, 1915/1996, p 278)

Nessa tratativa tudo se passa como se a psique tivesse o impulso a homogeneizar a alteridade, isso dará a característica de bom, e sua impossibilidade de homogeneizar, o mau, isto é, o ódio será aí a expressão utilizada para tratar o resultado heterogêneo, como seu afastamento. Neste espaço virá a possibilidade da torção, onde o Eu deve advir.

CONCLUSÃO

Certo é que o caminho para investigação e a trama dos conceitos e sua visibilidade na clínica deve ser continuada. No entanto, a proposta de retomada deste assunto tão custoso a psicanálise, se embrenhou ao campo da Metapsicologia como bússola constante. Isso nos possibilitou observações do termo *bemächtigungstrieb*, destacando a noção de pulsão de dominação. Como resultados deste percurso indica a possibilidade fértil para uma posição teórica a respeito de tal noção. Consistindo em localizá-la como anterioridade e, como condição *sine qua non* da própria criação da atividade, expressada na incorporação, até de libidinização dos objetos e conseqüentemente na origem da atividade psíquica.

Deste modo defendemos a expressão como pulsão de l'emprise, utilizada pelos franceses como uma forma não só mais apropriada, mas permitindo precisar um ponto obscuro. A primordialidade da incorporação, não apenas quanto a identificação, mas a própria atividade psíquica, esta é a lição que encontramos nos postulados de Aulagnier principalmente quanto a metabolização.

Seja partindo de Freud com o apoio dos debatedores e com os instrumentos fornecido por Aulagnier, encontramos um campo expansivo da Metapsicologia. Eis aí a relevância da contribuição, que não se sustenta apenas por replicações, porém como ponto de ancoragem para se manter viva, indicando um método auscultatório aos constantes impasses, e ainda, os impenetráveis fenômenos do inconsciente.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, K. *Contribution à la psychanalyse des névroses de guerre. In: Oeuvres complètes*. Paris, Payot, 1966. v.2.
- _____. (1924). *Teoria psicanalítica da Libido: sobre caráter e o desenvolvimento da libido*. Imago, São Paulo.
- AULAGNIER, P. *Violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro, Imago, 1979.
- _____. (1986). *Nacimiento de un cuerpo, origen de una historia*. In L. Hornstein et al. *Cuerpo, historia y inlerpretacion*. (pp. 117-70). Buenos Aires: Paidós, 1991.
- _____. *O aprendiz de historiador e o Mestre-feiticeiro: Do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Ed. Escuta, 1989.
- ANZIEU, D. (1988). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DENIS, P. *Emprise et théorie des pulsions. Revue française de psychanalyse, Tome LVI, numéro special congrès*. Paris: P.U.F., 1992, p.1295-1421.
- _____. *Emprise et satisfaction: Les deux formants de la pulsion*. Paris: P.U.F, 1997. 179
- FREUD, S. Os Três ensaio da Sexualidade (1905). In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. VII) São Paulo: Companhia das Letras. 2010
- FREUD, S. . Três ensayos da teoria sesual. In *Freud Obras Completas*. Vol VII, Etcheverry, J. L. trad. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1995.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1895). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. As neuropsicoses de defesa (1896). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- _____. Interpretação dos sonhos (1900). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. O instinto e suas vicissitudes (1915). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das Perversões sexuais (1919). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Além do princípio do prazer (1920). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A negativa (1925). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* vol. XIX.. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1932). *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GANTHERET, F. (1981). *De l'emprise à pulsion d'emprise*. In. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 24, automne, 103-116. Paris: Gallimard.

GRUNBERGER, B. (1959) “*Estudio sobre la relación anal-objetal*”, in *El narcisismo*, Buenos Aires, Editorial Trieb.

HANDLBAUER, B. *A controvérsia Freud-Adler*. São Paulo, Madras, 2005.

LACAN, (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1968-69). *Seminário, livro 9: A Identificação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1989) *Vocabulário da psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes.

ROUDINESCO, E. PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1998

ROUDINESCO, E. (1989). *História da psicanálise na França. A batalha dos cem anos*. Rio de Janeiro: Zahar.

THE RESUME OF PULSION D'EMPRISE

ABSTRACT:

The central proposal is taken from the Pulses theory developed by Sigmund Freud and widely discussed by Piera Aulagnier. The work addresses the term *bemächtigungstrieb* used by Freud himself in 1905, 1915 and 1920, translated into Portuguese as a drive for domination, and for French as a *pulsion d'emprise*. The objective is a re-reading of the function described as *l'emprise*, observing the participatory status of the drive at its origin in the formation of the psyche. For this support, we indicate elements in the idea of the (muscle) domination apparatus, and in the conceptual proposal of metabolization carried out by Aulagnier, where we find ways to provoke conceptual problems. In this way we underline the drive of emotion, and its foundations, its independent and non-sexual character a priori, among them the evidence of the impulse to incorporation represented in the constitution of the drive body, including its expressions in psychic life.

KEYWORDS: Metapsychology. L'emprise. Domination Pulsion

LE RETOUR DE LA PULSION D'EMPRISE

RÉSUMÉ

La proposition centrale est tirée de la théorie des impulsions développée par Sigmund Freud et largement discutée par Piera Aulagnier. L'ouvrage aborde le terme *bemachtungstrieb* utilisé par Freud lui-même en 1905, 1915 et 1920, traduit en portugais comme une pulsion de domination et pour le français comme une pulsion d'emprise. L'objectif est une relecture de la fonction décrite comme l'emprise, en observant le statut participatif de la pulsion à son origine dans la formation de la psyché. Pour cet appui, nous indiquons des éléments dans l'idée de l'appareil de domination (musculaire), et dans la proposition conceptuelle de métabolisation réalisée par Aulagnier, où nous trouvons des moyens de provoquer des problèmes conceptuels. Nous soulignons ainsi la pulsion de l'émotion, et ses fondements, son caractère indépendant et non sexuel a priori, parmi lesquels la preuve de l'impulsion d'incorporation représentée dans la constitution du corps pulsion, y compris ses expressions dans la vie psychique.

MOTS CLÉS: Métapsicologie. L'emprise. Pulsion de Domination

RECEBIDO EM 11-02-2021

APROVADO EM 25-09-2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO